

O IMAGINÁRIO BANDEIRANTE E A “SUPERIORIDADE” PAULISTA NAS OBRAS DE GUILHERME DE ALMEIDA

Heraldo Márcio Galvão Júnior
Aluno de graduação em História , UNESP, Assis.
heraldogalvao@yahoo.com.br

Emery Marques Gusmão
Docente, Departamento de Educação, UNESP, Assis emery@assis.unesp.br

Palavras-chave: *poesia escolar, materiais didáticos, intelectuais e educação.*

Apresentamos os resultados iniciais de uma pesquisa que propõe o estudo da obra de Guilherme de Almeida (1890-1969), um escritor esquecido nos dias de hoje, mas valorizado e atuante em sua época. As atuais referências a ela nos remetem a circuitos culturais distanciados: os historiadores e críticos da Semana de Arte Moderna da qual participou e a literatura ufanista empenhada em valorizar as tradições paulistas e a Revolução de 1932. Esta literatura – que inclui livros de leitura da escola primária produzidos nos anos 1930-40¹ – reproduzem sonoros versos deste modernista de primeira hora que, contraditoriamente, foi escolhido Príncipe dos Poetas Brasileiros (sucessor de Alberto de Oliveira e Olavo Bilac) numa eleição de âmbito nacional promovida pelo Correio da Manhã do Rio de Janeiro em 1959. A retomada de suas obras e de sua “rede de sociabilidade” pode fornecer elementos para problematizar:

- a) as contradições do “grupo de modernistas paulistas” que se abre à modernidade cosmopolita sem, no entanto, distanciar-se do ideal nacionalista/regionalista ;
- b) os caminhos que permitiram a alguns intelectuais do período a inserção no universo escolar visto que Coelho Neto, Bilac e outros “anatolianos” marcaram a literatura escolar do período, receberam fortes críticas do grupo modernista que defendia a simplificação da linguagem e mantiveram-se como referência do bem falar e do bem escrever nas escolas durante décadas.

Antonio de Alcântara Machado, por exemplo, critica a escola, a inadequação das obras e lamenta o analfabetismo e a falta do hábito de leitura do brasileiro, conforme sintetiza num diálogo irônico:

“O pai diz ao filho:
- Não leia assim, menino, estraga a vista.
A mãe diz à filha:
- Isso são idéias de romance.

O marido diz à mulher:
- Leia o manual da perfeita cozinheira.
Ou então , o professor que diz ao aluno:
- Leia Coelho Neto”ⁱⁱ

No caso da literatura escolar de Coelho Neto, haveria um agravante: "tiram do guri toda a vontade de ler. Desiludem o pequeno. E ele cresce inimigo pessoal da literatura. Com muitíssima razão". Em outro artigo, "Pela gurizada", Alcântara Machado responde ao apelo de Gilberto Freire ao grupo moderno de São Paulo para que escrevesse livros para meninos: "uma revista infantil eu acho (..) mais útil do que um livro":

“Livro a criança lê mal e esquece logo. (..) Com a revista é diferente. Porque a revista repousa e insiste. O que o número dez disse e ficou esquecido, o número onze recorda e fica guardado. Isso no que se refere a lições de moral e outras coisas. A parte instrutiva”.

Completa que ainda mais apropriado seria um jornalzinho:

“Porque nele cabe tudo: histórias, caricaturas, problemas e outras coisas do estilo. (..) Quanto à diversão a vantagem do jornal também é maior. (..) De jornais infantis portanto é que precisamos nós. Jornais que ensinem o Brasil antes de mais nada. Nacionalizem o brasileiro. Inteligentemente. Nada de lorotas patrióticas e tropos auriverdes. (..) Nesse gênero basta o Porque me ufano do meu país de triste fama. Mas abrasileirar divulgando por exemplo nossas lendas indígenas ou não. Apresentando o Brasil aos meninos da cidade. (..) Com material brasileiro construir nossos contos de Perrault (60)”ⁱⁱⁱ.

Guilherme de Almeida trabalhou muito com literatura infantil, mas ao contrário que reivindicava Alcântara Machado, traduziu e/ou adaptou muitas obras estrangeiras; na área, sua única criação original foi O Sonho de Marina:

- 1941 - O Sonho de Marina, texto de Guilherme de Almeida, com ilustrações de Dorca, Edições Melhoramentos, São Paulo
 - João Pestana, de Hans Christian Andersen, com ilustrações de Dorca, Edições Melhoramentos, São Paulo
- 1942 - João Felpudo, de Wilhelm Busch, Edições Melhoramentos, São Paulo
- 1943 - Pinocchio, de Walt Disney, Edições Melhoramentos, São Paulo
 - O Camondongo e outras histórias, de Wilhelm Busch, Edições Melhoramentos, São Paulo
 - Corococó e Caracacá, de Wilhelm Busch, Edições Melhoramentos, São Paulo
 - O fantasma lambão, de Wilhelm Busch, Edições Melhoramentos, São Paulo
- 1946 - A mosca, de Wilhelm Busch, Edições Melhoramentos, São Paulo
 - Uma Oração de Criança, de Raquel Field, com desenhos de Elisabeth Orton Jones, Edições Melhoramentos, São Paulo
- 1949 - A Cartola, de Wilhelm Busch, Edições Melhoramentos, São Paulo

Dentre os intelectuais que defendem uma específica região e sua sociedade, temos Gilberto Freyre, que tomou como modelo Pernambuco em “casa grande e senzala” e Cassiano Ricardo, que toma como exemplo São Paulo e o movimento das Bandeiras. Para o segundo autor, a sociedade bandeirante possuía um espírito de aventura e aptidão ao trabalho, considerado fator de dignidade humana, pois é através dele que o indivíduo se integra na nacionalidade. Assim, para fazer a relação de identidade entre a Bandeira e o Estado, passa a constituir a valorização do trabalho e do trabalhador um dos postulados centrais do regime inaugurado em 1937. Essas idéias expressas, nesse caso, por Cassiano Ricardo se fazem presente no livro infantil *O Sonho de Marina* (1941), de Guilherme de Almeida, cuja “historieta” narra a aventura vivida por Marina, em sonho, ao ir para o céu em companhia de seu cachorro. Lá chegando e tendo contato com São Pedro, este lhe adverte:

“Minha menina, ouça bem!
E você, Totó, também!
Dou-lhes plena liberdade,
podem brincar à vontade.
Mas, no céu, quem quer brincar
deve também trabalhar
cada vez que for preciso.
Por isso, muito juízo!
E nada de travessura!
Tome cuidado com a altura!”^{iv}

Após brincar um pouco em companhia de anjos, houve muito trabalho: dar banho na lua, ajudar na fabricação de brinquedos do papai Noel e lavar as roupas dos anjinhos. Quando Marina resolve se divertir durante o trabalho, escorrega em um sabão e cai de volta para a terra como se fosse um castigo. Nota-se então, que na estória se manipula informações concretas, conceitos supostamente mensuráveis ou normas de bons costumes e, ao mesmo tempo, recorre à ficção através de um discurso literário e poético. Assim, o autor consegue passar nesse livro destinado às crianças a valorização do trabalho e a aventura presentes nos bandeirantes, assumindo assim uma postura doutrinária ao transparecer seu sentimento de paulistanidade em meio a estas disputas regionais pela preponderância nacional.

Suas traduções e publicações de literatura infantil são lançadas pela Editora Melhoramentos na década de 1940. Márcia de Paula Gregório Razzini (2007) analisa uma lista, datada de agosto de 2001, intitulada “Histórico dos lançamentos de 1900/1959”, onde foram reproduzidos os dados das fichas de edição de toda a produção da Editora Melhoramentos, de 1907 a 1959 e sugere que, no referido período, deu-se a grande expansão editorial da Melhoramentos – impulsionada pelos livros didáticos que “ocupam uma parte considerável deste montante, somando 282 títulos (33%), seguido da literatura infanto-juvenil (considerando as seções *Literatura infantil* e *Leituras escolhida para jovens*, conforme indicado no *Catálogo* de 1940) com 173 títulos (20,3%), os quais, juntos, somam mais da metade da produção da editora. Se acrescentarmos, além desses, os 116 títulos (13,6%) publicados na seção *Brinquedos*, teremos 67% da produção deste período voltada para crianças e adolescentes, faixa etária que passou a frequentar cada vez mais a escola” (Razzini, 2007). Segundo a mesma autora, o estreitamento de laços entre a literatura infantil e a escola primária teria maior desenvolvimento depois da criação das bibliotecas infantis nos grupos escolares - o que se iniciou em 1925, quando foi inaugurada a Biblioteca Infantil Caetano de Campos, destinada aos alunos do curso primário anexo à Escola Normal – e

intensificou-se após 1931. Assim, a produção de livros de literatura infanto-juvenil (com Destaque para a Biblioteca infantil, sob a direção de Lourenço Filho nos anos 1940) estava em sintonia com a produção didática e com o incentivo à leitura extensiva na escola: a produção da Editora Melhoramentos aponta seguramente esta aproximação. Tais dados nos ajudam a compreender o fato de muitos daqueles que freqüentaram a escola neste período rememoram textos de Guilherme de Almeida.

Em uma análise dos livros de leitura mais utilizados na escola primária brasileira no início do século XX, Souza e Oliveira (2000) afirmam que a era da leitura escolar foi inaugurada com os sistemas estatais de ensino em fins do século XIX e, neste contexto foi advogada em função de sua capacidade de contribuir para a educação moral e doutrinação das camadas populares. Assim, o texto literário entrava na escola como leitura edificante, como “boa literatura”, e a poesia como sinônimo de um estilo elegante, como modelo e ideal a ser cultivado na linguagem escrita e oral (p. 32). Caberia à escola ensinar a criança a redigir com estilo e perfeição, o que equivale a dizer que adquiriu nobreza, correção, precisão e harmonia (p. 32). Do ponto de vista literário, tais características correspondem a um tipo de narrativa que caracterizou a produção dos membros das academias no Brasil e foi duramente criticado pelos modernistas na década de 1920. A crítica modernista impõe-se com tamanha força que muitos destes autores ficaram relegados ao esquecimento.

Em relação à sua contribuição na caracterização da cidade de São Paulo, é válido citar oito artigos publicados no O Estado de São Paulo, em 1929, que foram compilados em livro sob o título de Cosmópolis. Estes artigos podem ser considerados como um retrato de São Paulo, cujas imigrações de alemães, judeus, turcos, japoneses, portugueses, espanhóis, húngaros, etc., provocaram mudanças em sua fisionomia nos anos 20 e 30. Na obra, além de seus aspectos literários, nota-se seu considerável valor sociológico por retratar um momento histórico da evolução étnica e urbanística desta cidade. Seguem alguns trechos desses artigos:

“São Paulo enorme de casas e gentes. Casas e gentes de todos os estilos. Cosmópolis. Resumo do mundo”

“Que homens são esses, que vão chegando e vão passando? De que pátria fugiram? Que música estrangeira terá sua fala? (...) Aqui respiro São Paulo. São Paulo ali, tão perto, mas tão alto e tão distante, atrás desta trama canadense de postes e fios; além dessas Tôrres repetidas, de ferro, trançadas em X sobre o Tamandateí canalizado; São Paulo, crescido para o céu, de andares sobre andares – Babel! – fundindo e confundindo as línguas – Babel! – os sangues e as convicções – Babel! – os interesses e os ideais – Babel! – e também... as idéias dos jornalistas.”

“Entretanto, que harmonia, e que equilíbrio, e que igualdade! O grande milagre do trabalho. Harmonia, equilíbrio e igualdade feitos de diferenças”.^v

Como se pode perceber, a questão inicialmente literária se transforma em questão ideológica e o combate ao passado se torna meio para a afirmação da mentalidade moderna. Em plena “República Velha”, sob o clima de entusiasmo localista, enquanto a elite local procura afirmar a preponderância de São Paulo face ao restante do país, o prefeito de São Paulo, Washington Luís promove, entre outros muitos eventos cívicos que criam símbolos de paulistanidade, em 1917, um concurso para a criação do brasão

da cidade, o qual foi ganho pelo futuro modernista Guilherme de Almeida, em parceria com J. Washt Rodrigues, com o imponente NON DUCOR, DUCO. É de se supor que Guilherme de Almeida possa ser inscrito na série de autores que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para cristalizar a noção de Pátria Paulista e da superioridade bandeirante, haja vista que o brasão da cidade de São Paulo foi criado por ele e J. Wash Rodrigues, assim como projetaram, durante a Revolução de 32, o Brasão de armas de São Paulo, cujo lema Pro São Paulo Fiat Eximia (Por São Paulo façam-se grandes coisas) inspirou os paulistas para a defesa de seus ideais, conforme afirma Aurora Ponzo Garcia^{vi}. Também se destacou como presidente da Comissão do IV Centenário São Paulo em 1954.

Por outro lado, somente a defesa da autonomia regional pode explicar que na Revolução de 1932 tenha sido um dos primeiros a se alistar para a luta, tendo combatido como soldado raso nos campos de Cunha com entusiasmo suficiente para levá-lo ao exílio em Portugal. Além de lutar na Revolução, fez programas de rádio durante o conflito e poetou com a temática, cujos versos entraram na escola pelos livros de leitura da escola primária. Dentre seus escritos dedicados à causa paulista, temos *O PASSO DO SOLDADO*, hino do primeiro Batalhão da Liga de Defesa Paulista, entre outros como:

*“Creio em São Paulo todo-poderoso,
criador, para mim, de um céu na terra;
e num Ideal Paulista, um só, glorioso, (...)
o qual foi concebido nas “bandeiras”,
nasceu da virgem alma das trincheiras,
padeceu sob o jugo dos invasores;
crucificado, morto, sepultado,
desceu ao vil inferno dos traidores,
mas para, um dia, ressurgir dos mortos,
subir ao nosso céu e estar sentado
à direita do Apóstolo Soldado,
julgando a todos nós, vivos ou mortos.
Creio no pavilhão das treze listas,
Na santa união de todos os Paulistas,
Na comunhão da Raça adolescente, (...)
Numa ressurreição do nosso bem,
Na vida eterna de São Paulo. Amém!”^{vii}*

Nesse sentido, a necessidade de buscar as raízes do sentimento nacional entrecruza-se com o debate sobre a matriz básica, regional, que poderia dar origem à melhor sociedade. Sobre o nacionalismo, Lucia Lippi Oliveira^{viii} nos apresenta o surgimento, no início do século XX, de uma vertente não tão ligada aos regimes políticos, mas ao nacionalismo como fruto das condições naturais da terra (prodigiosa e abençoada) e aos valores das três raças originárias, denominada ufanismo, dando esperanças positivas para o futuro e marcando profundamente o pensamento social brasileiro na Primeira República, inclusive modernistas. Sobre esse aspecto nacionalista, encontramos nos livros *Raça e Meu*, respectivamente, ambos de 1925, de Guilherme de Almeida, essas idéias ufânicas impressas:

*“Há uma encruzilhada de três estradas sob a minha cruz de estrelas azuis:
três caminhos se cruzam – um branco, um verde e um preto – três hastes da grande cruz.*

E o branco que veio do norte, e o verde que veio da terra, e o preto que veio do leste derivam num nôvo caminho, completam a cruz unidos num só, fundidos no vértice” (p. 15-16)

*“Os pássaros coloridos e as frutas pintadas
na transpiração abafada da floresta
e estas fôlhas transparentes como esmeraldas
e esta água fria nesta sobra quieta
e esta terra trigueira cheirosa como um fruto:
êste grande ócio verde, isto tudo, isto tudo
que um deus preguiçoso e lírico me deu,
se não é belo é mais que isso – é MEU.”*

Entretanto, se nos apegássemos apenas a esta classificação, correríamos o risco de tecermos considerações simplistas, pois nas obras, são claras as características modernas empregadas pelo autor, como a nacionalidade somada ao subjetivismo e à originalidade do autor ao se aproximar da estética modernista sem se distanciar de sua trajetória clássica.

Em relação à justificação do caráter único de São Paulo no cenário brasileiro, os modernistas caracterizaram a cidade como tendo liderança em matéria de cultura devido ao seu cosmopolitismo, fruto de uma nova raça que se transforma, abrasileirada, multiétnica (o melhor das raças que o mundo todo despeja nos portos), vencedora, completamente diferente do tipo brasileiro convencional (faz-se alusão a Peri e Jeca Tatu). Essa raça paulista possuía, então, caráter apenas regional, associando-a ao bandeirante criador de fortuna, aos fazendeiros etc.

Em suma, consideravam que a metrópole paulista teve uma montagem multifacetada, que inclui considerações raciais e genéticas (paulista, multiétnica), o momento histórico e o ambiente (metrópole do século XX, industrialização e resultantes: urbanização, economia monetária, paisagem citadina, multidão), que convergem na idéia de cultura como “sintoma”, “produto” da época e lugar geográfico.

Guilherme de Almeida aderiu e foi um dos grandes colaboradores desse movimento e, além de construção de obras em estilo moderno, participou ativamente da Semana de 22 e saiu pelo Brasil pregando o modernismo, numa série de conferências que se iniciaram em 1925, em Porto Alegre, e terminaram em novembro do mesmo ano, em Fortaleza, depois de uma breve estada em Recife.

BIBLIOGRAFIA

Academia Brasileira de Letras: <http://www.academia.org.br/biografia>

ALMEIDA, Guilherme de. *Guilherme de Almeida / seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios*. BARROS, Frederico Ozanam Pessoa de. (org). São Paulo: Abril Educação, 1982.

CANDIDO, Antonio. *A Revolução de 1930 e a cultura*. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ed. Ática, 1987.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CERRI, Luis Fernando. **NON DUCOR, DUCO** – a ideologia da paulistanidade e a escola. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1996.

- FABRIS, Annateresa. *O Futurismo Paulista: Hipóteses para o Estudo da Chegada da Vanguarda ao Brasil*. São Paulo: Perspectiva: Edusp, 1994.
- FONSECA, Selva G. *Ser professor no Brasil – história oral de vida*. Campinas, SP: Papirus, 1997.
- MARQUES, Emery. *Mapas, cartilhas e referendun – imagens da vida em Antônio de Alcântara Machado*. Dissertação de Mestrado. UNESP/Assis, 1995.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIFEL, 1990.
- _____. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: ed. Brasiliense, 1990.
- OLIVEIRA, Catia Regina Guidio Alves de e SOUZA, Rosa Fátima de. *As faces do livro de leitura. Cadernos CEDES*, ano XIX, no. 52, nov/2000.
- QUEIROZ, Maria Helena de. *A variedade literária na obra poética de Guilherme de Almeida*, 2003. 202 p. Tese (Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa) UNESP. Assis.
- RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. *A produção de livros escolares da Editora Melhoramentos na Primeira República*. www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1479pdf
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu estático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. (org). *Por uma história política*. RJ: Editora UFRJ, 1996.

FONTES

- ALMEIDA, Guilherme de. *Cosmópolis: São Paulo / 1929. Oito reportagens de Guilherme de Almeida*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962.
- ALMEIDA, Guilherme de. *O sonho de Marina*. 4. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1941.
- ALMEIDA, Guilherme de. *Pela cidade, seguido de Meu roteiro sentimental da cidade de S. Paulo*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ALMEIDA, Guilherme de. *Tôda a poesia*. ed. 2. São Paulo: Livraria Martins Editora S. A., 1955. v. 4.

ⁱ Conferir CERRI, Luis Fernando. **NON DUCOR, DUCO** – a ideologia da paulistanidade e a escola. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 1996.

Em entrevista concedida a Selva Guimarães Fonseca, Miriam Moreira Leite conta que em 1935, no Grupo Escolar João Kopke, na capital paulista, sua professora da 3^a. série – “dona margarida Rangel Pestana, uma paulista de quatro costados” - curtia um profundo ressentimento contra o resto do país que derrotara São Paulo em 1932” e ensinava “as poesias sonoras de Guilherme de Almeida, sobre a bandeira das treze listras e nos inculcou a idéia de que São Paulo estava sacrificado em favor dos outros estados atrasados” . Apud. FONSECA, Selva G. *Ser professor no Brasil – história oral de vida*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

ⁱⁱ Apud. MARQUES, Emery. *Mapas, cartilhas e referendun – imagens da vida em Antônio de Alcântara Machado*. Dissertação de Mestrado. UNESP/Assis, 1995.

ⁱⁱⁱ Idem.

^{iv} ALMEIDA, Guilherme de. *O sonho de Marina*. 4. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1941, p. 06.

^v ALMEIDA, Guilherme de. *Cosmópolis: São Paulo / 1929. Oito reportagens de Guilherme de Almeida*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962.

^{vi} GARCIA, Aurora Ponzo. *Reflexões semióticas sobre o universo de um poeta que vai à Rua: Guilherme de Almeida*. São Paulo: 1987. In: QUEIROZ, Maria Helena de. *Guilherme de Almeida (1890-1969). Fortuna Crítica comentada*, 1998, 141 p. Dissertação (Mestrado em Letras) UNESP. Assis.

^{vii} ALMEIDA, Guilherme de. "1932". In: ALMEIDA, Guilherme de. *Tôda a poesia*. ed. 2. São Paulo: Livraria Martins Editora S. A., 1955. v. 4, p. 77-78.

^{viii} OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: ed. Brasiliense, 1990.